



Lima, Ilda e os três filhos: pedido de desconto nos colégios

5 Demitido, Lima não compra mais roupinhas, e a Vicunha, produzindo menos, pôs em férias 23 mil...

Tatiana Petit

SÃO PAULO — Amarga da recessão foi acompanhada de perto pelo estatístico Júlio Roberto de Lima. Como analista de crédito sênior do Banco Itaú nos últimos cinco anos, Lima assistiu, passo a passo, à queda livre do ritmo de atividades locais e ao aumento do desemprego — que tornaram progressivamente mais espartanos os critérios do banco na concessão de empréstimos, o que era uma preocupação profissional viável, no dia 5 deste mês, quando o Itaú o demitiu, um pesadelo pessoal. “Só se sente a recessão quando ela bate à porta com o desemprego em punho”, diz ele.

Muito antes de ficar desempregado, Lima já vinha cortando despesas. Desde março, com a edição do Plano Collor, ele, a mulher e os três filhos vinham apertando o cinto. Ao ser demitido, Lima recebia o salário de Cr\$ 93 mil. A mulher, em dois empregos, ganhava Cr\$ 300 mil. A tesoura lançou primeiro a compra mensal do supermercado, depois cortou a ida semanal aos restaurantes de Pinheiros, o bairro classe média onde moram. Saiu do programa de todos o Shopping Center Iguatemi — agora, o guarda-roupa é alimentado por peças tocadas em família ou recicladas pelas mãos de sua tia habilidosa.

O Grupo Vicunha — um dos maiores fabricantes de roupas do país — é uma vítima desses cortes de despesa. Suas vendas caíram 50% em novembro e os 23 mil funcionários terão 20 dias de férias coletivas. Se a situação continuar ruim, o diretor-superintendente do grupo, Benjamin Steinbruch, já avisou quando tem vocação para empresário-herói: em lugar de um empréstimo bancário para manter a produção, não hesitará em demitir.

A família Lima só não renunciou à escola particular dos filhos — de 18, 17 e 12 anos. Em agosto a mulher de Lima, Ilda, acrescentou à jornada diária de sete horas na divisão de nutrição do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas outras quatro horas de prestação de serviços à Fundação Faculdade de Medicina da USP. “Nessa altura, o orçamento já estava estrangulado”, conta Ilda. “Em abril, nós já tínhamos pedido bolsa de estudo.” Os descontos obtidos nos colégios Objetivo e no Santa Cruz, de 10% a 30%, afrouxaram a corda no pescoço dos Lima. Ainda assim, a despesa com educação consome 40% do orçamento da família. O aluguel, outros 10%.

Pedidos de desconto, como os da família Lima, são agora rotina nas escolas paulistanas. No Colégio Objetivo, onde estudam 20 mil alunos em pré-escolas e cursos de 1º e 2º grau, os pedidos cresceram 100% este ano em relação a 89. “Só não cresceram mais porque os pais se sentem constrangidos”, conta o diretor José Augusto Nasser.

Se os Lima cortaram da lista do supermercado supérfluos como biscoitos, queijos, iogurtes, frios e bebidas, os números mostram que muitos consumidores cortaram mais fundo: o volume de vendas de arroz despencou quase 40% nos meses de outubro e novembro, segundo a Associação Paulista de Supermercado. Balanço da Associação Brasileira da Indústria da Alimentação, esta semana, indica seu faturamento, em 90, de US\$ 40 bilhões, 15% a menos que o do ano passado, sinal de uma redução entre 5% e 6% no volume de vendas e de um corte de 2% na produção de alimentos. Em consequência desta queda, perderam seus empregos pelo menos 8 mil dos 800 mil funcionários que trabalham nas indústrias do setor.